

O IMPACTO DO ABASTECIMENTO DE GRÃOS PARA A CIDADE-ESTADO DE ATENAS NA GUERRA DO PELOPONESO¹

THE IMPACT OF GRAIN SUPPLY FOR ATHENS CITY-STATE ON THE PELOPONNESIAN WAR

Vitoria Eduarda de Lima Carvalho²
Vinicius Carlos da Silva³

RESUMO

A Guerra do Peloponeso, travada entre as cidades-estado de Atenas e Esparta durante o século V a.C., não apenas moldou o curso da história grega antiga, mas também destacou a importância da logística militar em conflitos de grande escala. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo relacionar a atividade logística de obtenção do gênero alimentício de cereais com a derrota ateniense na Guerra do Peloponeso. Este estudo justifica-se a partir da compreensão de que o conflito apresentou caráter disruptivo no âmbito da logística militar, e serve como objeto de reflexão para o processo de planejamento logístico e, principalmente, para a tomada de decisão do chefe militar. Para isso, serão seguidos os seguintes objetivos específicos: compreender a relevância do comércio de grãos para Atenas; explorar o regime de abastecimento de grãos durante a Guerra do Peloponeso; e relacionar as mudanças no regime de abastecimento com os conceitos logísticos apresentados. O estudo tem natureza qualitativa e a metodologia utilizada será a pesquisa descritiva. Nesse contexto, a revisão bibliográfica foi estabelecida como procedimento para a análise dos dados obtidos com a leitura de livros, artigos e relatos históricos. Por fim, as conclusões serão obtidas a partir da interpretação e descrição das informações obtidas.

Palavras-chave: Logística; Logística Suprimentos; Guerra do Peloponeso; Abastecimento.

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Intendentes (CFOInt) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete Intendente do 4º Esquadrão (Turma Árion, 2024)

³ 2º Ten QOCon MHS - Magistério História Superior. Mestre em História pela UNESP. Doutorando em Educação pela UFSCAR. Professor de História Militar Mundial e História Militar Brasileira na Academia da Força Aérea. E-mail: viniciussilvavcs2@fab.mil.br.

ABSTRACT

The Peloponnesian War was fought between the city-states of Athens and Sparta during the 5th century BC. It not only shaped the course of ancient Greek history but also highlighted the importance of military logistics in large-scale conflicts. In this sense, this paper aims to explore to what extent logistical support influenced the Athenian defeat in the Peloponnesian War. This study is justified by the understanding that the conflict presented a disruptive nature in terms of military logistics and serves as a subject for reflection for logistical planning processes and, mainly, for the military leader's decision-making. To achieve this, the following specific objectives will be pursued: analyzing the relevance of grain trade for Athens; examining how Athens' military tactics impacted the supply of grain at the beginning of the war; and comparing changes in the supply regime between the beginning and the end of the Peloponnesian War. The study has a qualitative nature, and the methodology used will be the descriptive research. In this context, literature review has been established as a procedure for analyzing data obtained from books, articles, and historical accounts. Finally, conclusions will be drawn from the interpretation and description of the information gathered.

Keywords: Logistics; Supply Logistics; Peloponnesian War; Supply Chain.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do impacto do abastecimento no campo de batalha para fins metodológicos, no que tange à logística na guerra. Para tanto, foi realizado um estudo de caso da Guerra do Peloponeso, a fim de elucidar a relevância da função logística suprimentos para o sucesso de confrontos. Com isso, pretende-se realizar um registro de lições aprendidas, por meio desse conflito, e os ensinamentos que os permeiam, bem como efetuar um paralelo entre as atividades exercidas no período selecionado e a doutrina logística atual, observado o anacronismo. Nesse sentido, selecionou-se a Grécia da Antiguidade como período a ser estudado, já que é considerada como escola do gênero humano pela experiência que detinha com as armas; pela prudência das leis que regiam o território; bem como pelo estudo das ciências (Rollin, 1846 apud Payen, 2010).

Para fins de estudo de caso de guerra, a Guerra do Peloponeso foi escolhida por ser amplamente reconhecida como a primeira grande guerra do mundo ocidental. No âmbito da historiografia, a obra *A História da Guerra do Peloponeso*, escrita por Tucídides, é um relato muito estudado até hoje, pelo seu pioneirismo na tentativa de impessoalidade do discurso e no detalhamento de sua descrição. Apesar disso, alguns teóricos alertam sobre a dificuldade do autor em manter sua neutralidade, pelo fato de pertencer à cidade-estado ateniense (Pires, 1998).

Ademais, as tensões entre os territórios sob a influência de Atenas e Esparta, que desencadearam a Guerra do Peloponeso, têm sido comparadas a conflitos ocorridos séculos após o seu término, como no caso da Guerra Fria. Essas comparações fornecem uma compreensão valiosa para embates históricos e contemporâneos. Em *The Western Way of War* (1989), Hanson estabelece um paralelo entre os Estados Unidos e Atenas, fundamentando uma política de mudança de regimes nos territórios conquistados, passando de oligárquicos para democráticos. Embora essa analogia tenha sido criticada, ela continua a ser relevante no início do século XXI, demonstrando a persistência da influência ateniense no pensamento estratégico contemporâneo (Funari, 2006). Essas interpretações, mesmo controversas, oferecem uma visão única sobre os desafios enfrentados por potências hegemônicas ao longo da história e suas implicações nas relações internacionais modernas.

No âmbito militar, a tática de guerra utilizada no séc V a.C era o combate hoplítico, no qual os soldados lutavam em formação cerrada, lado a lado. A inovação introduzida por Atenas foi através da tática de recuar a população dos campos e abrigá-los em suas fortificações, na tentativa de evitar o combate corpo a corpo tradicional. Por fim, a logística também foi disruptiva na visão das guerras ao observar-se o sistema de abastecimento necessário para obtenção de suprimentos de seus aliados.

A relevância do combate também encontra-se interpenetrada na percepção dos seguintes acontecimentos: a ascensão e queda de um grande Império (Atenas); e o primeiro embate entre duas alianças políticas de características nitidamente diferentes. Durante os 27 anos de conflito, a guerra teve diversos altos e baixos relatados nas oito partes do livro de Tucídides, com momentos de paz; ataques de ambas as partes; posses de territórios; e perdas de alianças. Em se tratando do presente trabalho, serão analisados somente os anos iniciais e finais da guerra, a fim de se realizar um paralelo entre o suprimento de grãos nesses períodos, bem como sua relevância para a guerra.

É evidente que o aprimoramento ocorrido no campo de batalha, bem como a mudança de regimes políticos e econômicos, torna evidente a lacuna tecnológica e social que separa o cenário contemporâneo do período datado da Guerra do Peloponeso. Entretanto, a presente pesquisa pode ser justificada a partir das lições que o conflito oferece, as quais podem ser transmitidas nos dias de hoje como forma de enfatizar a importância do suprimento logístico, bem como do quadro de intendência, mesmo antes de conceitos como esse estarem presentes.

Além disso, a pesquisa possui grande relevância para as Forças Armadas, já que a análise das práticas antigas e sua comparação com as técnicas de logística atuais pode revelar princípios

fundamentais que se mantêm válidos através do tempo, enriquecendo o arcabouço teórico da logística militar. A história fornece uma rica fonte de exemplos de como a logística influenciou o desfecho de conflitos, demonstrando a importância de um planejamento logístico meticuloso. Este conhecimento histórico é crucial para o desenvolvimento do pensamento crítico e estratégico dos oficiais, permitindo-lhes antecipar desafios e desenvolver soluções inovadoras baseadas em precedentes históricos.

A pesquisa trata especificamente do suprimento de cereais devido ao fato de que eles compunham de 70 a 75% da dieta da época (Foxhall e Forbes, 1982, p. 74 apud Monedero e González, 1999). Essa ênfase também pode ser justificada pela ampla discussão entre diversos pesquisadores sobre a importância desse suprimento para Atenas. A questão da autossuficiência em cereais também é frequentemente debatida, destacando a sua relevância para a estabilidade da cidade (Moreno, 2008).

Considerou-se como momento inicial da guerra, o período em que houve o refúgio da população ateniense nas muralhas desta cidade-estado, impactando significativamente o regime de importações de cereais (429 a.C a 427 a.C). Quanto ao final, a Batalha de Egospótamos (405 a.C) foi selecionada por se tratar do último conflito ocorrido na Guerra do Peloponeso, consagrando a derrota da democracia ateniense.

Para prosseguir com um registro de lições aprendidas para guiar conflitos futuros, a ênfase da pesquisa encontra-se em avaliar o impacto logístico dos suprimentos para os embates, a partir de um estudo de caso da Guerra do Peloponeso. Nesse sentido, buscou-se a resolução da seguinte pergunta de pesquisa: qual a influência do suprimento de grãos para a cidade-estado de Atenas na Guerra do Peloponeso?

Para tanto, o objetivo principal da produção corrente é relacionar a atividade logística de obtenção do gênero alimentício de cereais com a derrota ateniense no âmbito da Guerra do Peloponeso. Com esse propósito, faz-se necessário conceber conceitos logísticos de abastecimento, bem como identificar a relevância da comercialização de cereais para a cidade-estado. Então, quanto ao referencial de análise, apresentam-se os seguintes objetivos:

- Compreender a relevância do comércio de grãos para Atenas;
- Explorar o regime de abastecimento de grãos durante a Guerra do Peloponeso;
- Relacionar as mudanças no regime de abastecimento com os conceitos logísticos apresentados.

1 METODOLOGIA

Este trabalho tem como finalidade a realização de um estudo sobre a influência do abastecimento de grãos para a derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso. Para tanto, o intuito primordial desta pesquisa é comparar o regime de abastecimento em diferentes períodos da guerra, de maneira a avaliar como o fornecimento de grãos influenciou a permanência de Atenas no combate, a partir do estudo de obras já consolidadas sobre o tema. Uma vez que este não é um trabalho necessariamente historiográfico, optou-se por não se trabalhar diretamente com fontes primárias, já que estas por si exigiram um tratamento diferenciado, que englobaria, desde a conferência de possível falsificação de cada uma de fontes utilizadas até a tradução exaustiva do grego em toda a sua complexidade. Dessa feita, os livros abordados não se constituíram apenas como obras teóricas de apoio, mas sim como fontes secundárias.

Outrossim, parte da metodologia utilizada configurou-se com uma pesquisa descritiva. Segundo Gil (2002), “As pesquisas descritivas têm como objetivos primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]” (p. 100). Além disso, o estudo tem natureza qualitativa. Isso porque “[...] a pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva” (Triviños, 1987, p. 128).

Quanto à coleta de dados, “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Nesse sentido, a revisão bibliográfica foi estabelecida como procedimento para desenvolver a pesquisa, por meio de materiais que abordam sobre a Guerra do Peloponeso e sobre o consumo de grãos durante o período estudado. A partir da análise do conteúdo, será feita a interpretação e descrição das informações obtidas. Finalmente, serão elaboradas conclusões que busquem responder à questão da pesquisa.

A principal fonte utilizada para a contextualização foi a obra *A Guerra do Peloponeso* (2006), escrita pelo historiador Donald Kagan, especialista em História da Grécia. No livro, são abordados os acontecimentos da guerra de forma cronológica. Também são adicionadas observações e apontamentos sobre a época. O livro é baseado na História da Guerra do Peloponeso escrita por Tucídides, porém novas perspectivas são acrescentadas e correções ao discurso de Tucídides são feitas. O livro *The fall of the Athenian Empire* (1987), do mesmo autor, possui semelhante importância para o presente trabalho, visto que oferece um panorama específico do final

da guerra. Além disso, Hanson (2012), em seu trabalho *Uma Guerra sem Igual*, oferece uma visão diferenciada da guerra, relatando detalhes que também são importantes para a presente pesquisa.

O livro *Atenas y Esparta en el siglo V a.C* (1999) auxilia a contextualização das duas cidades-estados no período do conflito. Nesse sentido, a obra demonstra as diferenças entre ambas as sociedades, aborda também a frota ateniense, com destaque para a atividade comercial, configurando-se, assim, como uma importante obra cujas informações são relevantes sobre o conflito estudado.

Em *História das Guerras* (2006), Demétrio Magnoli organizou capítulos com a colaboração de diversos autores para contar quinze momentos-chave em que as armas substituíram a política. Pedro Paulo Abreu Funari escreve um capítulo nesta obra sobre a Guerra do Peloponeso. No qual pode-se extrair a importância da guerra, a relevância do abastecimento de grãos para Atenas, bem como suas principais rotas. No texto, também pode ser extraída a derrota de Atenas pela fome.

Outrossim, a obra *História Militar do Mundo Antigo* (2010), volume I (*Guerras e Identidades*) trata-se de um compilado de artigos, e possui, dentre seus coordenadores, Pedro Paulo A Funari, que aborda a relevância da guerra na contemporaneidade. Somado a isso, na mesma obra, no capítulo *Péricles como General*, Donald Kagan aponta a relevância da estratégia de Péricles para a época, bem como fornece projeções da guerra para outros períodos.

Para obter dados sobre o abastecimento de grãos, as obras *Feeding the democracy* (2007), *Famine and Food Supply in The Graeco-Roman World* (1988) foram utilizadas, já que trazem uma ampla abordagem sobre o mercado ateniense, quantitativos de importações e rotas comerciais. Outrossim, promovem uma ampla abordagem sobre a utilização de cereais entre os séculos V a.C e IV a.C.

Destaca-se a obra *Famine and Food Supply in The Graeco-Roman World* (1988), de Peter Garnsey, a qual foi amplamente utilizada no desenvolvimento desta pesquisa. Afonso Moreno, em sua obra *Feeding the Democracy* (2007), criticou a abordagem cautelosa de Garnsey em relação às fontes utilizadas, argumentando que tal postura poderia limitar a compreensão histórica do período estudado. Moreno destaca a influência significativa de Moses I. Finley e sua obra *The Ancient Economy* (1973) sobre Garnsey, sugerindo que essa influência pode ter levado à desconsideração injustificada de certas fontes.

No entanto, apesar dessas críticas, optou-se por manter Garnsey como referência principal nesta pesquisa devido à sua abordagem abrangente das dinâmicas do abastecimento durante a Guerra do Peloponeso. Embora sua cautela em relação às fontes possa ser vista como

potencialmente limitante para historiadores, ela não interfere negativamente na pesquisa. Pelo contrário, ao se constatar a influência do abastecimento para a cidade de Atenas mesmo diante da desconsideração de certas fontes, isso ressalta a importância vital desse aspecto, mesmo nas condições menos favoráveis.

Informações adicionais sobre o regime comercial foram extraídas do artigo *Cereal Trade between Black Sea and Greece: From the Archaic until the Early Hellenistic Period* (2022), de Stavros Christodoulou, no qual apresenta informações valiosas sobre o comércio ateniense com o Mar Negro. Somado a isso, Melo (2015), em sua dissertação, no item *O exemplo da importação de cereais*, explana a singularidade do comércio de cereais para Atenas, destacando sua imprescindibilidade. No mesmo sentido, Krotscheck (2006), em projeto de pesquisa publicado nas Universidades de Stanford e Princeton, reúne informações valiosas sobre as diferenças de abastecimento de cereais entre os séculos V a.C e IV a.C. Essas informações reunidas auxiliam na compreensão do impacto do abastecimento de grãos para a Guerra do Peloponeso.

Para o levantamento de informações relacionadas à logística, foram utilizados dois documentos: a Doutrina de Logística Militar (2016) e o Manual de Campanha Logística Militar Terrestre. A dissertação de Braz (2004), sobre a logística militar, também auxiliou na contextualização logística realizada na pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O império ateniense originou-se após as Guerras Persas, devido à vitória grega. Seu território estava localizado em uma península na parte central da Grécia, a Ática. As cidades da região faziam parte da cidade-Estado ateniense e os habitantes desses territórios eram tratados com equidade. A tranquilidade na história desse povo os conduziu para tornar-se a primeira democracia do mundo. Além disso, a prosperidade ateniense era garantida, sobretudo, pelo seu Império Marítimo, considerado a melhor esquadra da história da Grécia (Kagan, 2006).

Esse território era formado por montanhas, no geral, impróprias para o cultivo. Sua área é estimada em 2.400 Km², o solo era pobre e o clima era muito variado, assim como o regime de chuvas, o que contribui para o entendimento de sua baixa capacidade de produção (Moreno, 2007). A superpopulação da cidade permite afirmar que a autossuficiência dificilmente seria possível,

mesmo nas melhores condições de produção, o que tornava a fome uma ameaça em potencial e a importação de grãos um elemento fundamental para a época (Garnsey, 1998 *apud* Krotscheck, 2006). Por isso, o suprimento dessa commodity é amplamente discutido por diversos pesquisadores, bem como sua importância para a cidade de Atenas.

A política externa detinha importante função na cidade. A liga de Delos é exemplo disso, já que tratava-se de uma aliança militar, na qual captavam-se fundos das diversas cidades aliadas para formar um tesouro administrado pelos Atenienses (Funari, 2006). Gradualmente essa associação tornou-se um império sob a liderança de Atenas, e seu tesouro também foi utilizado para fortalecer a Marinha Ateniense. A soberania da liga também garantiu o controle das rotas marítimas para seus navios comerciais (Kagan, 2006).

A necessidade da cidade em aumentar seu poder marítimo ocorreu, principalmente, nos anos posteriores às Guerras contra os persas (479 a.C). Isso se deve à compreensão de que essa guerra ressaltou a vulnerabilidade ateniense ao corte de suprimentos. Nesse sentido, a proteção de rotas tornou-se a estratégia da época. Além disso, a fortificação da marinha detinha um papel fundamental para o poder da cidade-estado, já que garantiria a importação de grãos e outros suprimentos para a população. Por fim, o principal estrategista responsável por essas alianças e pelo fortalecimento das esquadras foi Péricles (*Idem*, 2010).

Nos primeiros anos da Guerra do Peloponeso (427-429 a.C), Péricles foi o líder ateniense que estava sob o comando de Atenas. Sua estratégia era completamente defensiva, ao passo que conduziu os atenienses a se refugiarem nas muralhas da cidade enquanto o exército peloponeso atacava suas terras na região da Ática. O objetivo de Péricles era enfraquecer o inimigo a partir do cansaço. Nesse sentido, Funari (2006) afirma: “[...] Péricles apostava em sua estratégia defensiva e imperial, e, além disso, argumentava com a legitimidade da posição ateniense, que não visava à conquista, mas apenas pedia o respeito aos acordos firmados” (p. 33).

Péricles acreditava que Atenas era indestrutível, devido à poderosa marinha ateniense; ao seu volumoso tesouro; e às suas muralhas praticamente intransponíveis. Por isso, adotou-se a estratégia defensiva. Ele acreditava que “[...] se eles se mantivessem quietos, se cuidassem de sua esquadra e detivessem sua tentativa de expandir seu império em época de guerra, pois com isso colocariam sua cidade em perigo, eles iriam triunfar” (p. 69).

Quanto ao plano espartano, o objetivo era invadir a ática por terra, destruir as terras e esperar que os atenienses desistissem do cerco e partir para a guerra hoplita tradicional. A escolha de Esparta pode ser compreendida a partir da compreensão de que o exército espartano era

considerado o melhor da época, com soldados que se dedicavam inteiramente ao treinamento militar desde crianças. Além disso, Esparta tinha sob seu poder a Liga do Peloponeso, uma aliança permanente, criada pela própria cidade-estado para proteger sua estrutura social. Isso reforça a superioridade numérica de sua infantaria (Hanson, 2012).

Ao ser adotada a tática defensiva, os atenienses tiveram que deixar os campos e abrigar-se dentro das muralhas da cidade. Nesse sentido, a cidade-estado encontrava-se quase que totalmente dependente das importações de gêneros alimentícios (Funari, 2006). A influência de Péricles foi fundamental para que esse plano fosse possível, já que o abandono das terras agrícolas interferia nos interesses econômicos dos proprietários de terra. Além disso, os efeitos psicológicos sobre os atenienses também devem ser considerados, já que ver a devastação de suas terras e a destruição de suas casas era um golpe moral para a população (Monedero E González, 1999).

Péricles faleceu em 429 a.C, quase dois anos após o início do conflito. Sua morte se deu devido à Peste que assolou a cidade. A população amontoada nas muralhas era particularmente vulnerável à doença, que devastou um terço de seus cidadãos. Os habitantes tinham imenso respeito e confiança nesse General. Segundo Kagan (2006), após sua morte não havia quem inspirasse ou moderasse os cidadãos.

A inconveniência da gestão democrática do Estado foi observada nos anos posteriores a sua morte e uma grande mudança política foi estabelecida. Nesse sentido:

[...] desde a morte de Péricles, o regime democrático de Atenas enfrentava uma divisão profunda entre as facções oligárquicas e populares e Alcibiades e Nícias aprofundariam as dissensões. As lutas intestinas atenienses levariam, nos anos seguintes, a defecções, falta de engajamento, brigas e expurgos, o que terminaria, ao final, por destruir a própria autoridade (*arkhé*) ateniense, minando a liderança ática (hegemonia) (Funari, 2006, P. 36).

Durante os próximos 25 anos de guerra houve diversos acontecimentos, tais como conflitos terrestres e navais, revoltas de aliados e epidemias que assolaram as cidades gregas. Entretanto, a batalha que derrotou definitivamente a frota ateniense ocorreu somente em 404 a.C.

Nesse sentido, a Batalha de Egospótamos foi a última luta de mais de um quarto de século de conflito. Com o apoio financeiro dos Persas nos momentos finais da guerra, os espartanos conseguiram dobrar sua esquadra de navios e destruíram a frota ateniense - restaram somente dez navios de guerra. Como Atenas havia perdido seus aliados no decorrer dos anos que permearam o conflito e seu tesouro havia acabado, a guerra estava perdida. A partir disso, Lisandro, comandante espartano nessa batalha, adotou uma estratégia importante para a rendição de Atenas (Kagan, 1987).

Segundo Kagan (2006, p.535-6), “[...] Lisandro sabia que Atenas era uma cidade forte demais para ser invadida, e só poderia ser tomada após um longo cerco — e ele desejava que houvesse o maior número de pessoas passando fome para que Atenas fosse obrigada a se entregar”. Com isso, ele permitiu que unidades atenienses e seus oficiais voltassem para Atenas, com objetivo de que houvesse mais pessoas com fome e a rendição fosse mais rápida. Outrossim, o bloqueio do estreito de Helesponto interrompeu rotas importantes de abastecimento de cereais para Atenas. Por fim, Lisandro promulgou um decreto que proibia outras cidades-estados de exportar cereais para Atenas, o que corroborou para a conclusão de um combate com mais de 20 anos de duração.

2.2 LOGÍSTICA

Segundo a definição promulgada pelo Council of Logistics Management (1996), “Logística é o processo de planejamento, implantação e controle do fluxo eficiente e eficaz de mercadorias, serviços e das informações relativas desde o ponto de origem até o ponto de consumo com o propósito de atender às exigências dos clientes” (Ballou, 2001, p. 21 *apud* BRAZ, 2004). No âmbito militar, o *Manual de Logística das Forças Armadas* (1954) afirma que “[...] logística militar compreende o conjunto de atividades, métodos e processos pelos quais são fornecidos meios, de toda espécie, às Forças Armadas e às operações militares. Trata, pois, da previsão e provisão das necessidades de vida e de combate das Forças Armadas, tanto na paz como na guerra” (p. 11).

Ainda no campo militar, Antoine Henri Jomini, criou uma primeira definição de logística militar como sendo tudo ou quase tudo, no campo das atividades militares, exceto o combate (Re, 1955 *apud* BRAZ, 2004). Além disso, em 1832, Carl von Clausewitz publicou o livro *Da Guerra*, no qual ao se referir sobre estratégia, afirmou que a manutenção das tropas estava intimamente ligada ao combate, embora fosse totalmente diferente dele. Outrossim, resumiu as funções associadas à manutenção como sendo o abastecimento, os serviços médicos e a manutenção dos armamentos e dos equipamentos (Clausewitz, 1832 *apud* BRAZ 2004). Ambos os autores em suas obras buscaram demonstrar que o sucesso ou fracasso dos exércitos passou a depender da logística, com a eficiência da mobilização dos recursos nacionais e com o comando-e-controle sobre a movimentação das tropas (Ferreira, 2023). Neste trabalho, um aspecto logístico foi considerado como objeto de estudo: o abastecimento.

No que cerne ao abastecimento, de acordo com a Doutrina de Logística Militar das Forças Armadas (2016), a função logística suprimento “[...] é o conjunto de atividades que trata da

previsão e provisão do material, de todas as classes, necessário às organizações e forças apoiadas” (p. 25). Outrossim, o documento também elenca as atividades relacionadas a essa função, a saber: levantamento de necessidades, obtenção e distribuição. Conforme a Doutrina:

- Levantamento de necessidades: é a determinação da quantidade e da qualidade dos suprimentos que, segundo um planejamento, devam estar disponíveis para o atendimento de uma organização ou força militar, com tempestividade, para uma determinada finalidade.
- Obtenção: consiste na identificação das possíveis fontes dos diferentes itens de provisão e na adoção de medidas para aquisição dos suprimentos necessários;
- Distribuição: é a atividade que inclui o recebimento, a armazenagem, o transporte e a entrega do suprimento.

Para esta pesquisa, optou-se por concentrar-se exclusivamente na atividade de obtenção, dado o desafio representado pela escassez de dados precisos sobre o volume de importações durante a Guerra do Peloponeso, o que dificulta a avaliação das necessidades de abastecimento.⁴

A cadeia de suprimentos também precisa ser observada, já que ela é responsável por proporcionar o fornecimento adequado do suprimento. Esse conceito surgiu nos anos 80 e é amplamente discutido no âmbito empresarial, mas também é altamente relevante na óptica militar (Braz, 2004). No Manual de Campanha Logística militar terrestre (2022), esse fluxo depende da combinação de alguns fatores, dentre eles, o risco logístico admitido é o fator analisado no trabalho atual. Segundo o mesmo Manual:

Risco logístico é a quantificação do nível de insegurança admitido, resultante do exame de situação logística fundamentado na probabilidade combinada com a gravidade de interrupção do fluxo do apoio logístico, físico, financeiro e de gestão das informações (p. 111).

Nesse sentido, o gerenciamento do risco logístico é de imprescindível importância para proteção dos recursos logísticos, já que além de possuir a capacidade de dimensioná-la, também considera a necessidade da continuidade do apoio logístico, nos pontos em que as distâncias de apoio forem amplas e os territórios abastecidos altamente povoados (Ministério da Defesa, 2022).

No que tange à robustez da cadeia de suprimentos, seu objetivo principal é fazer com que elementos como a demanda ou a matéria prima de um fornecedor não influenciam de maneira consubstancial uma determinada operação. Ou seja, uma cadeia de suprimentos robusta é capaz de

⁴ A distribuição interna dentro da cidade-estado de Atenas não foi abordada pois essa questão não está diretamente relacionada à pergunta de pesquisa do presente trabalho.

assegurar toda a estrutura de rede de suprimento dentro de certas variações que ocorrem no ambiente (Mo, 2002 apud Lima e Vieira, 2009).

2.3 O ANACRONISMO

Ao analisarmos o papel da logística no cenário da Guerra do Peloponeso, a preocupação com o anacronismo torna-se indubitavelmente relevante. Nesse sentido, a análise de eventos históricos torna evidente o desafio intrínseco do anacronismo. Segundo David Hackett Fischer (1970, p. 132), esse conceito consiste em qualquer descrição, análise ou julgamento de um evento, tal que o situe num ponto do tempo distinto daquele que de fato ocorreu. Ao longo da história, pensadores como Fischer enfatizaram a importância de compreender eventos passados em seus próprios contextos, ressaltando que a prática do anacronismo deveria ser banida (Gonçalves, 2022).

Por outro lado, a visão de Gad Prudovsky (1997) admite o anacronismo como ferramenta para compreender o desenvolvimento histórico de conceitos que apenas mais tarde adquiririam expressão linguística. Somado a isso, a proposta de Loraux (1992), quanto ao uso comedido do anacronismo, prometia ganhos intelectuais ao assumir o presente como impulsionador de seu trabalho. Nesse contexto, Rancière (2011) afirma que a rejeição ao anacronismo seria um esforço para paralisar o tempo e homogeneizar os sujeitos sob a ideia de uma época específica.

Nesse âmbito, a análise da guerra a partir de conceitos logísticos contemporâneos, em uma época que o próprio termo “logística” não existia, evidencia a necessidade de uma análise cuidadosa e contextualizada. Portanto, é imperativo reconhecer que a compreensão moderna de práticas logísticas não se reflete nos termos utilizados à luz da época, mas que as partes constituintes do conceito, como os o regime de abastecimento, a atividade de obtenção e o planejamento de rotas foram fundamentais para o desfecho do conflito.

3 OS GRÃOS

A região da Ática, como já abordado anteriormente, era uma das mais secas da Grécia. Nesse sentido, o risco da colheita de trigo tornava-se evidente. Na visão ortodoxa, a Atenas do séc 7 a.C já detinha interesse no comércio de cereais do mercado externo, dentre as demais cidades-estado gregas. Segundo Bury e Meiggs (1975):

No final do século VII, Atenas plantou um pequeno assentamento em Sigeum, perto da entrada do Helesponto: pode ter sido destinado a reivindicar a rota do milho da costa norte do Euxino, que mais tarde seria a principal fonte de suprimentos de Atenas (Bury E Meiggs *apud* Garnsey, 1988, p. 108, tradução nossa).

Além disso, Austin e Vidal-Naquet (1977) analisam, cautelosamente, a relação do trigo para a economia ateniense. Ao evitar um comparativo analítico entre a economia moderna e a economia grega, respeitando a especificidade de ambos, os autores afirmam que:

[...] durante o sexto século, Atenas começou a mostrar interesse no problema da importação de alimentos. Solon impôs uma proibição à exportação de todos os produtos agrícolas atenienses de Ática, com exceção do azeite de oliva. Embora não haja evidências de atividade ateniense no Egito neste período, os atenienses buscaram, por outro lado, garantir o controle dos estreitos que levam ao Mar Negro, talvez já no tempo de Solon e, em qualquer caso, certamente sob a tirania de Peisístrato. Ainda estamos longe da política de importação de alimentos em larga escala conhecida no período clássico, mas este é pelo menos o prelúdio dela (Austin E Vidal-Naquet *apud* Garnsey, 1988, p. 108, tradução nossa).

Por fim, a reforma de Sólon (594/593 a.C) é amplamente utilizada para confirmar a preocupação ateniense quanto aos cereais. Isso ocorre devido à proibição, desse governante, da exportação de trigo, ao passo que incentivou a expansão da viticultura e olericultura. Esse argumento pode levar a conclusões precipitadas quanto à dependência dessa “*commoditie*”. Segundo Garnsey (1988), esse fato apenas demonstra o desenvolvimento do cultivo de azeite e vinho. A visão moderna de que a decisão do governante seria derivada da dependência ateniense em trigo e da necessidade de exportações de outros gêneros para pagar por eles é um anacronismo, na medida em que Atenas apenas se tornaria dependente de importações mais tarde do que usualmente se pressupõe.

Conforme aponta Noonan (1973), um dos poucos autores da época a confrontar a visão ortodoxa sobre o tema:

[...] uma análise das evidências escritas e arqueológicas sugere fortemente que a exportação de grãos do norte do Mar Negro para a Grécia não poderia ter começado antes do final do sexto ou início do quinto século a.C., no mínimo. Somente nessa época é que as colônias gregas desenvolveram um comércio com os nativos em volume suficiente para permitir a exportação de grãos para o exterior. Consequentemente, não devemos nos surpreender com o fato de que a referência escrita mais antiga possível sobre exportações de grãos do norte do Mar Negro data por volta de 480 a.C. Somente no século V a.C., quando as fontes escritas confirmam a existência de exportações de grãos para a Grécia, é que quantidades

significativas de importações gregas aparecem nos assentamentos nativos. Assim, as evidências escritas e arqueológicas estão em acordo básico tanto durante o sexto século a.C. quanto posteriormente (NOONAN apud GARNSEY, 1988, p. 108, tradução nossa).

Em consonância ao exposto, não há evidências de dependência de alimentos até o final do século sexto. Ainda que pudessem haver crises de alimentos em períodos específicos, nos quais a importação de produtos se apresentou como a solução imediata. No que tange à importação regular, pode-se afirmar, com certa segurança, não haver dados suficientes que sustentem tais afirmações. A primeira evidência sobre essa questão pode ser encontrada apenas na metade do século quinto, período em que o aumento populacional tornou a importação de trigo necessária e o imperialismo ateniense foi a resposta para os problemas de abastecimento (Garnsey, 1988).

Com o crescimento populacional, a cidade-estado de Atenas encontrou-se incapaz de produzir cereais em quantidade suficiente para abastecer seus residentes. Segundo estimativas de Garnsey, a população da Ática estava entre 120 e 150 mil habitantes em 480 a.C (Christodoulou, 2022). Nesse sentido, a relação capacidade produtiva de Atenas e sua necessidade tornou-se verdadeiramente um problema apenas após as Guerras Pérsicas (479 a.C), o que fez com que a força naval ateniense fosse fortalecida, a fim de garantir o controle das rotas marítimas de milho (Funari, 2006).

No entanto, isso não resultou necessariamente em se tornar uma importadora regular de cereais. Na verdade, Atenas adotou uma abordagem multifacetada para garantir o suprimento de alimentos. Por um lado, enviou seus cidadãos para residir em outras regiões onde pudessem aproveitar os recursos locais, por outro, assegurou suprimentos para suas forças militares através de acordos com estados aliados no teatro de operações. Essas medidas contribuíram para aliviar o fardo alimentar da população. Assim, embora importações de grãos fossem realizadas durante o século V a.C., não se tornaram uma prática regular (Garnsey, 1988).

Faz-se necessário também compreender que as ações de alívio populacional só foram possíveis devido ao imperialismo naval ateniense, difundido pela Liga de Delos. Essa aliança militar foi formada em 478/9 a.C, como resultado das Guerras Médicas (490 a.C a 479 a.C). A Liga era responsável pela segurança de seus membros (mais de 170 cidades-estados da Grécia e da Ásia Menor participavam), o que fortaleceu o poder de Atenas. Após sua fundação, os atenienses detinham o poder de monitorar o movimento de grãos pelo Mar Negro (chamado de Mar Euxino pelos gregos), no qual localizavam-se as principais rotas de grãos. Além disso, as cidades que não se submetiam aos atenienses eram impostas barreiras de comércio (Christodoulou, 2022).

Como dizia um crítico anônimo datado do séc V a.C:

Das cidades sujeitas aos atenienses no continente, algumas das quais são grandes, são governadas por causa do medo, e algumas pequenas são governadas por necessidade real; pois não há cidade que não precise importar ou exportar, e essas atividades serão impossíveis para uma cidade, a menos que esteja sujeita aos governantes do mar (*Ibidem*, p.11, tradução nossa).

Apesar de existir o monitoramento de Euxine, não existiam motivos para se importar do Mar Negro, haja vista havia fornecedores mais próximos. Nesse sentido, as fontes de importações de grãos atenienses no século V a.C eram as cidades-estado de Euboea, Beócia e Tessália. Quanto ao Egito, não há evidências de comércio regular, mas apenas de um carregamento de grãos oferecido aos Atenienses como produto da expedição de Péricles ocorrida em 437 a.C (Garnsey, 1988).

A Guerra do Peloponeso trouxe, de fato, a dependência de Atenas em importações, já que não se tinha domínio sobre o território da Ática e sua população estava recuada nas muralhas da cidade. Nesse sentido, foram tomadas medidas para assegurar as importações de trigo. O Helesponto foi amplamente utilizado para a intervenção de grãos onde os chamados “Guardas dos Grãos” eram os responsáveis por supervisionar a passagem de milho de Euxine, além de aplicar impostos alfandegários. Além disso, o estreito assegurava a rota de comércio com o Mar negro. Ainda assim, a principal fornecedora de grãos permanecia sendo a Euboea, que por sua proximidade, era tratada como uma “extensão da Ática” (*Ibidem*).

Quanto ao auxílio de outras cidades-estado, há evidências da estreita relação entre o rei de Bósforo (Satyros) e Atenas. Garnsey (1988) sugere que durante o início da Guerra do Peloponeso houve uma importação regular de grãos ao citar uma passagem de Isócrates, renomado orador e retórico ateniense, na qual o autor buscou implicar tanto a escassez de cereais quanto o envio de carregamentos dessa *commodity* para os atenienses. No fragmento, infere-se que eram enviados navios vazios à Bósforo, que eram carregados e levados a Atenas.

Além disso, o interesse de Atenas na região da Sicília, segundo o autor, também não pode ser descartado. No ano 427 a.C, uma expedição ateniense foi feita à ilha, com dois objetivos expostos: bloquear os carregamentos de grãos direcionados à região do Peloponeso (habitada pelos espartanos), bem como explorar a possibilidade de controlar a superfície siciliana. Ainda assim, Atenas não necessitava de importações dessa localidade, haja vista suas cidades-estados aliadas.

No ano 416 a.C, Alcebíades, general ateniense em comando, concebeu uma ambiciosa campanha de invasão de Siracusa (cidade-estado da Sicília), objetivando expandir o domínio

ateniense sobre a sicília, além de minar a influência espartana na região. Com isso, pretendia-se fortalecer a posição de Atenas na Guerra. No entanto, a complexa logística da expedição, aliada à instabilidade política em Atenas e às manobras políticas de Alcibíades, minaram a eficácia da operação desde o início. Apesar das esperanças de uma vitória rápida, as tropas atenienses enfrentaram uma resistência feroz por parte dos sicilianos, especialmente de Siracusa, e o plano desmoronou diante dos desafios inesperados (Kagan, 2006).

Kagan (2006) ressalta o impacto da campanha para Atenas na passagem “ A investida produziu resultados terríveis, perdas assoladoras de homens e navios, rebeliões no império e a entrada do império persa na guerra ao lado do inimigo” (p. 293). Apesar disso, na obra *The Fall of the Athenian Empire* (1987, p. 22, tradução nossa), o autor expõe: “[...] se os atenienses conseguissem manter a calma, limitar os gastos e manter o controle sobre seus aliados, não precisariam ceder, mesmo que a derrota na Sicília tenha sido um convite para o envolvimento persa”.

Em 413 a.C., a ocupação espartana da cidade-estado de Deceleia desempenhou um papel crucial, pois sua localização estratégica permitiu o estabelecimento de um bloqueio aos carregamentos terrestres de grãos que abasteciam Atenas. Como resultado, a cidade-estado de Eubeia iniciou o abastecimento pelas vias marítimas, e o transporte marítimo ganhou significativa importância. Além disso, o estreito de Helesponto também tornou-se uma das principais rotas de abastecimento ateniense (Funari, 2006).

Em 411 a.C, por motivos diplomáticos diplomáticos, Eubeia deixa a aliança com os atenienses, o que restringiu as rotas de abastecimento às rotas que advinham do Helesponto. Diante desse cenário, o rei espartano Agis reconheceu a relevância estratégica de controlar as rotas marítimas de grãos e implementar um bloqueio para interromper totalmente o fornecimento de suprimentos para Atenas (Christodoulou, 2022).

O plano delineado foi executado por Lisandro, um comandante espartano. Com o apoio financeiro fornecido pelos persas aos espartanos, a frota espartana foi fortalecida para confrontar Atenas no mar. Em 405 a.C, durante a batalha em Egospótamos, no Helesponto, a marinha ateniense foi derrotada e um bloqueio naval foi estabelecido no estreito. Isso privou Atenas de qualquer rota de acesso viável, resultando no cerco da cidade-estado dentro de suas muralhas. Eventualmente, após seis meses de sítio, a fome levou à rendição de Atenas, encerrando assim uma guerra de 27 anos e uma democracia considerada exemplar (Funari, 2006).

4 CONCEITOS LOGÍSTICOS APLICADOS NA GUERRA

Braz (2004), em sua dissertação sobre a logística militar e o serviço de intendência, conceitua a atividade de Obtenção da seguinte maneira:

A obtenção de suprimento representa a atividade na qual são identificadas as possíveis fontes de onde os diferentes itens poderão provir, assim como onde serão tomadas as medidas para que os suprimentos necessários sejam tornados disponíveis para a organização ou força militar considerada, no local e oportunidade desejados. A atividade de obtenção visa à consecução dos meios necessários nas respectivas fontes, incluindo pedidos, especificações, seleção de contratantes, formas de contrato, fixação de preço e outras variáveis (p. 73).

No contexto da Guerra do Peloponeso, Atenas dependia fortemente do abastecimento de grãos e outros recursos, e as diversas rotas que a cidade-estado detinha desempenharam papel crucial nessa atividade, já que a produção interna foi inviabilizada pela tática defensiva utilizada. Assim, a atividade de obtenção estava intrinsecamente ligada à capacidade de Atenas em identificar e utilizar eficientemente as diversas rotas disponíveis para adquirir os suprimentos necessários para sua sobrevivência durante a Guerra do Peloponeso.

Conforme visto, no período inicial da guerra, a cidade-estado era abastecida tanto por meios terrestres quanto por vias marítimas. No curso final, entretanto, a limitação de rotas tornou-se mais evidente, devido à ocupação espartana em regiões estratégicas, o que resultou na interrupção do fluxo de recursos vitais, colocando em xeque a capacidade ateniense de sustentar sua população.

Para que isso seja possível, uma cadeia de fornecedores diversa pode ser uma alternativa viável, já que é mais resiliente a riscos. Segundo Tang (2006, p. 25), “A base de fornecimento flexível não apenas permite que uma empresa lide com flutuações regulares na demanda, mas também pode ser usada para manter o fornecimento contínuo de materiais quando ocorre uma grande interrupção”. Outra solução possível é a utilização de múltiplas rotas. Segundo o mesmo autor, essa escolha é aplicada para evitar um fechamento completo do fluxo de materiais da cadeia de suprimentos, e consequente impacto da sobrevivência da entidade.

A restrição ao abastecimento terrestre trouxe consigo a dependência exclusiva das rotas marítimas de Atenas durante a Guerra do Peloponeso, o que corroborou para o aumento significativo da vulnerabilidade da importação de commodities. Isso pode ser explicado pelo fato de que a diversidade de fornecedores garante o fornecimento contínuo e é mais resistente a riscos de

interrupção (Tang, 2006). Essa mudança na dinâmica de importações deixou a cidade-estado mais exposta a possíveis bloqueios navais por parte de seus inimigos.

A utilização de múltiplas rotas, segundo Tang (2006), também é aplicada para evitar um fechamento completo do fluxo de materiais da cadeia de suprimentos. Nesse sentido, após o bloqueio do abastecimento de grãos de seu principal fornecedor, Atenas encontrou-se dependente dos suprimentos vindos do estreito de Helesponto. A partir do bloqueio desse estreito realizado por Esparta, suas rotas esgotaram-se e o abastecimento da cidade foi completamente interrompido, corroborando a rendição de Atenas pela fome.

Isso evidencia o impacto direto que o fornecimento de grãos teve sobre o curso e desfecho da guerra, demonstrando sua importância estratégica e as consequências significativas que a interrupção desse fluxo pode acarretar em conflitos militares, mesmo que o conceito moderno de logística não estivesse formalizado na época da Guerra do Peloponeso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, investigamos a influência do suprimento de grãos para a cidade-estado de Atenas na Guerra do Peloponeso, buscando compreender como a logística de obtenção impactou o desenrolar e o desfecho do conflito. Identificamos que a dependência ateniense por rotas de abastecimento foi um fator decisivo em sua capacidade de sustentar operações militares prolongadas, e a consequente perda dessas rotas, devido a ações de Esparta, evidenciou a fragilidade do sistema de abastecimento vigente no período.

Ao analisar detalhadamente os trajetos utilizados pelos atenienses, restou claro a importância estratégica e os efeitos significativos que a interrupção do fluxo de suprimentos críticos pôde acarretar para a Guerra do Peloponeso. Além disso, a análise da atividade de obtenção na logística de suprimentos expôs a relevância crítica da identificação e utilização eficiente de múltiplas origens, das quais os diferentes itens poderão provir, de forma a garantir o acesso contínuo aos suprimentos necessários.

De maneira notória, a experiência da Guerra do Peloponeso apresentou sólido arcabouço teórico de logística militar, podendo ser projetado como base de aprendizado em conflitos militares atuais. A gênese dessa construção acastela-se na compreensão de que este estudo contribuiu para um entendimento mais profundo da logística militar na antiguidade, demonstrando que muitos dos princípios da logística moderna, como o da obtenção e o da cadeia de suprimentos, já eram

relevantes, mesmo antes dessa terminologia estar presente. A análise histórica fornece lições valiosas que podem ser aplicadas nos contextos contemporâneos, especialmente para as Forças Armadas, nas quais a previsão e provisão eficazes são cruciais para o sucesso operacional.

Por fim, a pesquisa reafirma a importância do planejamento logístico e da resiliência das cadeias de suprimentos em tempos de guerra. O caso de Atenas serve como um lembrete de que a capacidade de uma nação em manter seus fluxos de recursos pode determinar o resultado de conflitos, reforçando a necessidade de estratégias logísticas robustas e adaptáveis, em virtude da imprevisibilidade do cenário de guerra.

REFERÊNCIAS

BRAZ, Márcio Alexandre de Lima. **A Logística Militar e o Serviço de Intendência**: Uma análise do programa excelência gerencial do Exército Brasileiro. 2004. 120 p. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/64675093-2ded-4879-b847-c46596d046be/content>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CHRISTODOULOU, Stavros. Cereal Trade between Black Sea and Greece: From the Archaic until the Early Hellenistic Period. **Balkan Studies**. Tessalônica, vol. 55, p. 5-35, 2022-2023. ISSN:0005-4313. Disponível em: <https://www.imxa.gr/files/bsfiles/55/1_Stavros%20Christodoulou.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FERREIRA, Rodrigo Tavares. A Logística na Batalha de Tannenberg: O alto preço da incompetência. **Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares**, [S. l.], v. 17, n. 58, p. 95-115, jan. 2023. DOI: <<https://doi.org/10.52781/cmm.a093>>. Disponível em: <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/view/10401>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Guerra do Peloponeso. In: MAGNOLI, Demétrio (Org). **História militar do mundo antigo**: guerras e identidades. 3 ed. São Paulo : Contexto, 2006. cap 2, p. 19-47. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/download/6158/4870/15259>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GARNSEY, Peter David Arthur. **Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World**: Responses to Risk and Crisis. Estados Unidos da América: Cambridge University Press, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

GONÇALVES, Bruno Galeano de Oliveira . Os sentidos do anacronismo. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p. 285-314, jan.-abr., 2022. DOI:10.15848/hh.v15i38.1829. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1829>>. Acesso em: 21 dez. 2023

HANSON, Victor Davis. **Uma guerra sem igual**: Como atenienses e espartanos lutaram na Guerra do Peloponeso. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2012.

LIMA, Luis Henrique; VIEIRA, Guilherme Ernani. Análise da robustez de cadeias de suprimentos baseada em Taguchi e simulação computacional com aplicação em uma indústria de eletrônicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 29., 2009, Salvador. Artigos: **A Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão**. Salvador: Enegep, 2009. 14 p. Disponível em: <https://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_TN_STO_091_617_14378.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MELO, Gabriel da Silva . **Mercadores e Comerciantes na Democracia Ateniense**: 431-322 a.C. 2015. 259 f. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/15935>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MONEDERO, Adolfo Jerónimo Domínguez; GONZÁLEZ, José Pascual. **Esparta y Atenas en el siglo V a. C.** Espanha: Síntesis, 1999.

MORENO, Alfonso. **Feeding the Democracy: The Athenian Grain Supply in the Fifth and Fourth Centuries BC.** Estados Unidos da América: Oxford University Press, 2007.

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Portaria nº 230-COTER, de 10 de novembro de 2022. Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10238, Logística Militar Terrestre, 2 ed. 2022. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/11273/1/EB70-MC-10.238%20Log%20Mil%20Ter.pdf>>. Acesso em: 10 de fev. 2024.

MINISTÉRIO DA DEFESA. ESTADO-MAIOR CONJUNTO DAS FORÇAS ARMADAS. BRASIL. Portaria nº 40-MD, de 23 de junho de 2016. Aprova a Doutrina de Logística Militar MD42-M-02, 3 ed. 2016. Disponível em: <https://legislacao.bombeiros.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/MD42_M02-logistica.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos : fim de uma ilusão ou futuro de uma herança?. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 103-122, 2011. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/250>. Acesso em: 7 jun. 2023.

PIRES, Francisco Murari. A retórica do método (Tucídides I.22 e II.35). **Revista de História**, [S. l.], n. 138, p. 9-16, jun. 1998. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i138p9-16. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18839>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

TANG, C. S. Robust strategies for mitigating supply chain disruptions. **International Journal of Logistics Research and Applications**. Los Angeles, v. 9.1, p. 33-45, mar. 2006. DOI: 10.1080/13675560500405584. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1080%2F13675560500405584>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação : o positivismo, a fenomenologia, o Marxismo.** São Paulo: Atlas, 1987.

KAGAN, Donald. **The fall of the Athenian Empire.** London: Cornell University Press, 1987.

KAGAN, Donald. **A Guerra do Peloponeso.** Tradução de Gabriela Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2006

KAGAN, Donald. Péricles como General. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; DE CARVALHO, Margarida Maria; CARLAN, Cláudio Umpierre; DA SILVA, Érica Cristhyane Moraes (coord.). **História militar do mundo antigo: guerras e identidades.** São Paulo: Planeta, 2010. cap. 3, p. 64-80.

KROTSCHECK, Ulrike. **Going with the Grain: Athenian State Formation and the Question of Subsistence in the 5 and 4 Centuries BCE.** 2006. 9 p. Projeto de Pesquisa em Estudos Clássicos - Universidade de Princeton / Universidade de Stanford. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=1426929>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, dedico este trabalho a Deus, a Ele agradeço por me conceder a dádiva da vida, a disciplina para alcançar meus objetivos e a força para enfrentar todas as dificuldades. À minha família, cujas próprias batalhas suavizaram meu caminho e cujo amor incondicional e apoio foram pilares essenciais para minha formação pessoal. Sem o incentivo deles, eu não teria me tornado quem sou hoje. Aos meus amigos, que abrilhantaram meu dia a dia com sua presença e apoio durante todo o percurso acadêmico. Ao João Soares, a quem expresso minha profunda gratidão pelo auxílio com a busca de referências para minha pesquisa. Por fim, ao Tenente Vinícius Silva, pela valiosa orientação, paciência e apoio ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.